

Vasco Pulido Valente

## Saudades do Major Eanes



Passados séculos e passado ele, e comigo mais do que passado, pude assistir à entrevista de Carlos Cruz ao general António Ramalho Eanes, com tranquilidade e quase desinteresse. Mas pouco a pouco comecei a pegar uma pequena fúria, sem perceber porquê. Não com certeza por causa de velhas querelas políticas ou das novas aventuras do homem. Nem umas, nem outras hoje vagamente me interessam. E, pelo contrário, hoje continuo sem custo a gostar daquela esforçada pessoa com quem há doze anos não falo. O que seria?

De repente, percebi o que era. Era a «cultura». Para falar com franqueza, o major Eanes dos bons tempos já tinha uma desagradável «cultura» de espécie «psico-social», que de vez em quando vinha à superfície. Só que não se manifestava muito e não distorcia o humor e a inteligência da personagem. Agora, não. Agora, das lentes de contacto às filas de citações absurdas, sente-se a obra dos «intelectuais» de quem ele se fez amigo em Belém. Os «intelectuais» apanharam um soldado e um político e conseguiram transformá-lo num mestre escola pedante, com opiniões meditadas e subtis, e ansioso por demonstrar que leu os seus autores, embora continue a não saber ao certo se gosta de Falstaff ou de Falstapp. Ele valia infinitamente mais do que os patetas e as patetas que o incitaram a imitar, para honra do cargo e sua putativa glória. O pior é que não percebeu.

E eu tenho pena que um dia destes o general Eanes não ponha os seus óculos escuros e a sua velha natureza e volte ao convívio dos humanos, que ainda aqui estão.

Paulo Portas

# Lara, Saramago e Balduino



A história de Lara e Saramago é uma história mal contada. Começa pela estupididade do Estado se meter em prémios culturais, para mais internacionais. Isso implica, pura e simplesmente, que o Estado tenha uma política do gosto e que se ache no direito de interpretar um gosto nacional. São duas asneiras, porque o gosto não é uma função pública, mesmo que às vezes apeteça.

Segue-se que o problema do livro de Saramago, a meu ver, não está em ser anti-religioso, está muito simplesmente em ser mau. É um livro mau e de certo mau gosto; talvez por isso mesmo, seja bem representativo de literatura portuguesa dos dias que correm.

Mas o certo é que Sousa Lara se encontrou, por azar do destino, com a obrigação de assinar uma lista de livros

portugueses candidatos a um prémio. Da lista constava Saramago e o seu *Evangelho*. Lara é católico, como católico achou-se indignado e incapaz de pôr o seu selo na candidatura. Até aqui, tudo certo. É mais saudável um católico que reage ao que o ofende no mundo do que um católico com medo do mundo.

Onde Lara perdeu razão foi em sair da esfera pessoal e cair na tentação de ter uma definição de Portugal, dá-la oficialmente e achá-la capaz de excluir quem a não partilha. Quero eu dizer que Lara tinha todo o direito ao sofrimento. Daí ao direito de, a partir do estado, interpretar o que é um livro português e o que não é um livro português, vai uma boa distância. Vai precisamente a distância entre o Estado desejável, mínimo e neutral, e o Estado insuportável, máximo e metidoço.

Saramago aproveitou a deixa e comparou-se a pouco

menos do que Rushdie, lembrando logo os Torquemedas e as Barbieris. É muita liberalidade para um homem que, há uns anos, pedia sangue e revolução nos editoriais do *Diário de Notícias*. Mas adiante.

O que interessa agora saber é se haveria maneira de resolver o conflito entre a consciência do subsecretário de Estado e o seu serviço público. Digo eu que haveria e lembro-me sempre do que fez o Rei Balduino quando os belgas, muito democraticamente, lhe deram a lei do aborto para assinar. Balduino, que é Rei, não assinou a lei. Mas também não confundiu a sua cabeça com a do Estado. Simplesmente suspendeu as funções soberanas no curto prazo de vinte e quatro horas. Fez o que a consciência mandava e não fez o que o Estado lhe vedava. Eu, se fosse Lara, tinha copiado o bom exemplo do bom Rei.

Vasco Pulido Valente

## Gesticulação



O sr. Costa e o sr. Soares discutem nos jornais o magno problema da FAUL.

No Porto, andam matilhas de cães vivando a dois ossos sem carne, que se acusam mutuamente de «colagens» e de infidelidades. Depois das cenas patéticas do «défice democrático» na Madeira; depois da inconcebível proposta de referendo sobre a RTP; depois das ridículas queixinhas sobre as aflições do Norte; depois do debate sobre cultura em que o PS demonstrou não albergar no crâneo a mais vaga ideia sobre o assunto; e depois do glorioso regresso à exploração sistemática de incidentes parlamentares e dos escândalos em voga: a paciência começa a faltar para o eng. António Guterres.

O eng. António Guterres deve perceber que nestes meses desde que foi eleito gozou do benefício da dúvida. Ora a dúvida aumenta e não tardará transformar-se em certeza, se ele permitir que os pequenos «caciques» do partido se esganhem em público e continuar a fazer asneiras com tão enérgica frequência. Os portugueses em geral, e presumivelmente os mais astutos membros do PS, queriam oposição, não queriam gesticulação. Infelizmente, o eng. Guterres está a criar uma fama de gesticulador. Anda sempre a produzir melodramas de feira e (excepto pela denúncia do denominado «acordo social») ainda não criou qualquer dificuldade ao governo. Ofereço-lhe uma regra: quando pensar que «enervou» Cavaco (como agora constantemente pretende), alguma coisa vai mal no PS. E provavelmente tudo. Cavaco é um grande perito em esmagar a oposição, nas alturas em que ela não existe.

Leonardo Ferraz de Carvalho

## Tão amigos que eles são



Na semana passada escrevi um artigo onde se dizia que a única entidade que tinha uma política económica global que representava uma alternativa à do Governo era o Banco de Portugal.

Não deveria estar muito errada a análise porque Braga de Macedo aproveitou a posse do Governador do Banco e de mais dois administradores, na 2ª feira, para muito claramente explicitar a sua posição.

Inteligentemente referiu que o novo Governador tinha sido o negociador, por parte do Governo, do Quantum 2 e mais uma vez sublinhou,

ainda que subtilmente, a necessidade de igualizar as condições dos mercados de crédito interno e externo como forma de provocar a queda dos juros «bem mais elevados do que levariam a exigir as expectativas inflacionárias... e os prémios de risco bancário».

Defendendo a sua estratégia gradualista e condenando a recessão, não deixou de afirmar que «só um fundamentalismo pouco usual nas nações polidas poderia levar o Banco a não apoiar a política económica global...». Mas foi anunciando umas reuniões periódicas com o Conselho de administração do Banco.

Miguel Beleza, por sua vez, manifestou a sua con-

cordância com a política governamental, como é óbvio, mas sem deixar de lançar uma setinha na direcção da política de moderação orçamental. Confirmou a ideia de que continuará a política monetária e cambial rigorosa «a exemplo do que tem vindo a ser seguido em passado recente». E falou da independência do Banco de Portugal.

É salutar verificar que estes exercícios de «arm-twisting» entre o governo e a alta burocracia sejam feitos em público, por duas razões. Primeiro explicitam-se as motivações de ambos os lados. Depois cada um assume as suas responsabilidades, o que não é habitual na política portuguesa.